



Submissão  
12-10-2023  
Aprovação  
19-02-2024

#### Como citar este artigo

Fonseca RMGS, Terra  
MF. Enfermeira,  
feminista e transgressora  
confessa: Crimeia pelos  
olhos de Crimeia.  
Hist Enferm Rev  
Eletrônica. 2024;15:e3.  
[https://doi.org/10.51234/  
here.24.v15.e3](https://doi.org/10.51234/here.24.v15.e3)

## Enfermeira, feminista e transgressora confessa: Crimeia pelos olhos de Crimeia

*Nurse, feminist, and confessed transgressor:  
Crimeia through the eyes of Crimeia*

*Enfermera, feminista y transgresora confesa:  
Crimeia a través de los ojos de Crimeia*

**Rosa Maria Godoy Serpa da Fonseca**<sup>1</sup> ORCID: 0000-0001-9440-0870

**Maria Fernanda Terra**<sup>1</sup> ORCID: 0000-0003-1718-4216

<sup>1</sup> Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. Departamento de Enfermagem em Saúde Coletiva. São Paulo, SP, Brasil.

#### RESUMO

**Objetivo:** visibilizar o protagonismo de Crimeia Alice Schmidt de Almeida, como enfermeira, ex-militante política e feminista desde a juventude até os tempos atuais. **Métodos:** trata-se de uma entrevista recontada de acordo com o tratamento de dados qualitativos proposto por Bourdieu (2021). **Resultados:** a riqueza de detalhes sobre as dificuldades vivenciadas, de todas as ordens, assim como as estratégias de sobrevivência e de ajuda a outras pessoas revelam importantes aspectos da personalidade marcante da entrevistada e sua persistência na missão revolucionária. **Conclusão:** os princípios e valores humanitários que regem a enfermagem coadunaram-se e fortaleceram a concretização da missão de vida escolhida pela entrevista. Conclui-se que a enfermagem tem potencial para ampliar e fortalecer a resistência de pessoas como esta, em particular, por valorizar a vida em todas as suas formas e demonstrar a politicidade do cuidado para transformar as condições sociopolíticas e de saúde da população.

**Descritores:** História de vida; História da Enfermagem; Atividade política; Enfermagem; Feminismo

#### ABSTRACT

**Objective:** to make visible the protagonist of Crimeia Alice Schmidt de Almeida, as a nurse, former political activist, and feminist from her youth at the current times. **Methods:** This is an interview retold according to the treatment of qualitative data proposed by Bourdieu (2021). **Results:** the wealth of details about the difficulties experienced, of all orders, as well as the strategies of survival and help to other people reveal important aspects of the personality of the interviewee and her persistence in the revolutionary mission. **Conclusion:** the principles and humanitarian values that govern sickness will

#### Autor correspondente



Rosa Maria Godoy  
Serpa da Fonseca  
E-mail: [rmgsfon@usp.br](mailto:rmgsfon@usp.br)

coadunate and strengthen the concretization of the goal of life chosen by the interview. It is concluded that illness has the potential to expand and strengthen the resistance of people like this by valuing life in all its forms and demonstrating the politics of care to transform the sociopolitical and health conditions of the population.

**Descriptors:** Life story; History of nursing; political activity; Nursing; Feminism

## RESUMEN

**Objetivo:** resaltar el protagonismo de la Crimeia Alice Schmidt de Almeida, como enfermera, exactivista política y feminista desde su juventud hasta la actualidad. **Métodos:** se trata de una entrevista recontada de acuerdo con el tratamiento de datos cualitativos propuesto por Bourdieu (2021). **Resultados:** la riqueza de detalles sobre las dificultades vividas, de todo tipo, así como las estrategias para sobrevivir y ayudar a otras personas, revela aspectos importantes de la notable personalidad de la entrevistada y de su perseverancia en la misión revolucionaria. **Conclusión:** los principios y valores humanitarios que rigen la enfermería fueron consistentes y fortalecieron el logro de la misión de vida elegida por la entrevistada. Se concluye que la enfermería tiene potencial para ampliar y fortalecer la resistencia de estas personas, en particular, valorando la vida en todas sus formas y demostrando la política de cuidado para transformar las condiciones sociopolíticas y de salud de la población

**Descriptor:** Historia de vida; Historia de la Enfermería; Actividad política; Enfermería; Feminismo.

## INTRODUÇÃO

A elaboração do presente trabalho teve como motivação a necessidade e o desejo de visibilizar a história de vida de enfermeiras que, com atuação ímpar, deixam um legado importante para a construção do conhecimento em enfermagem, mas que, na maior parte das vezes, encontra-se oculto nos meandros do cotidiano por não se destacarem no fazer ortodoxo acadêmico, gerencial, assistencial ou investigativo. Tendo como principal escola a própria vida, merecem ter sua história de vida registrada pelo ineditismo como vivenciaram verdadeiras façanhas na perseguição de um ideal político – no seu sentido mais amplo – que a enfermagem com seus princípios e valores lastreou e contribuiu para a concretização da missão.

Nesse sentido, a história de vida recontada permite uma aproximação com a protagonista principal entrevistada para captar o conteúdo do discurso por meio de uma relação de confiança que se estabelece entre entrevistadora e entrevistada. Esse encontro permite valorizar a perspectiva da participante no que se refere a compreender o valor que ela própria atribui às coisas e à vida<sup>(1)</sup>.

Procurou-se garantir a autenticidade e a narrativa sem julgamento como um caminho para superar a invisibilidade da entrevistada como sujeito histórico, autônoma e livre, ao contrário da invisibilidade que se estabelece na ausência ou não consideração do discurso, ou do discurso como monólogo. Práticas como essa silenciam sujeitos, principalmente quando não se aproximam das demandas contemporâneas do capital, e que não podem ser “enquadrados como força útil, corpo produtivo e submisso”<sup>(2)</sup>.

Neste prisma, merece destaque a prática de enfermagem durante a ditadura militar que assolou o Brasil de 1964 a 1985<sup>(3)</sup> na região do rio Araguaia, narrada por Crimeia Alice Schmidt de Almeida, enfermeira, militante política brasileira, ex-membro do Partido Comunista do Brasil (PCdoB)<sup>(4)</sup> e guerrilheira.

Histórias como de Crimeia constituem um convite para refletir criticamente sobre a enfermagem enquanto prática social que, no imaginário popular, se estabeleceu como profissão submissa, seguidora de regras, sem ousadia ou autonomia. A história de Crimeia, ao contrário, traz à luz a prática emancipatória, principalmente quando propõe a construção do cuidado junto com os próprios sujeitos e dentro das circunstâncias dadas, mesmo que na maior parte das vezes, sejam desfavoráveis para a prática convencional.

Crimeia Alice Schmidt de Almeida permaneceu na região do Araguaia de janeiro de 1969 a agosto de 1972 quando, por problemas decorrentes de uma gravidez resultante de um relacionamento afetivo com um dos comandantes da guerrilha, foi para São Paulo morar com a irmã, Maria Amélia de

Almeida Teles<sup>1</sup>, na clandestinidade. Em dezembro de 1972, foi presa e ficou até 1973. Foi torturada pela repressão, o que levou seu filho, que nasceu na prisão, a ser indenizado pelos danos causados pela tortura, em outubro de 2010. Após ser solta, foi viver em Minas Gerais e, nos anos 1980, desligou-se do PCdoB. Nunca renunciou à militância política e atualmente, além da militância feminista, dirige uma Organização Não Governamental voltada para a busca de desaparecidos políticos.

## OBJETIVO

Visibilizar o protagonismo da entrevistada como enfermeira, militante política e feminista, desde a juventude até os tempos atuais.

## MÉTODOS

Para a coleta dos dados optou-se pela entrevista em profundidade, realizada em junho de 2023, na residência da entrevistada, após consentimento livre e esclarecido. Mais que uma história de vida sendo contada, tratou-se de uma conversa franca, divertida, permeada por um otimismo de dar inveja aos que se recusam a enxergar as experiências vividas como mote para a felicidade, por mais que resultem de dificuldades muitas vezes aparentemente intransponíveis.

Do ponto de vista da forma, a fala original foi tratada de acordo com o preconizado por Bourdieu (2001)<sup>(5)</sup> onde é mantido o núcleo de pensamento, mas se faz o arranjo do discurso de maneira a torná-lo mais compreensível e direto. Para que isto seja possível, é primordial o estabelecimento de uma relação de escuta ativa e sistemática entre quem entrevista e quem é entrevistada, de modo a reduzir ao máximo a violência simbólica que pode se estabelecer nesse encontro. Trata-se de exercitar a resistência à objetificação, quando é permitido à entrevistada exprimir emoções ou sentimentos durante a fala. Buscou-se manter a construção realista do que foi falado, recusando-se a frieza da transcrição rígida, neutra<sup>(5)</sup>.

“É indispensável intervir na apresentação das transcrições, pelos títulos e subtítulos e principalmente pelo preâmbulo, encarregado de fornecer ao leitor o instrumento de uma leitura compreensiva, capaz de reproduzir a postura da qual o texto é o produto. (...) É preciso compreender que se estivesse, como se diz, no seu lugar, ele seria e pensaria, sem dúvida, como ele”<sup>(5)</sup>.

Na apresentação da entrevista, os fatos históricos marcantes citados pela entrevistada e outras expressões são elucidados em notas de rodapé ou no próprio texto, visando facilitar a compreensão do contexto sociopolítico a que ela se refere. Depois de elaborado, o texto final foi apresentado à entrevistada e à sua irmã que o leram e aprovaram para divulgação.

## RESULTADOS

### Ela por ela e a vida dela

#### 1. Eu nasci assim, num lar meio estranho...

Crimeia inicia sua história chamando a atenção para o fato de que desde o nascimento sua vida fugia dos padrões sociais pré-estabelecidos. Assim, relata as contradições existentes na própria família e entre a família e a coletividade à qual pertencida.

“Eu já eu já nasci assim, num lar meio estranho... porque meu pai era comunista, então não era o padrão. Minha mãe era super católica, mas meu pai comunista, então era a própria contradição em família”.

Depois dos quatro anos de idade, a família mudou-se para Contagem, na época, uma cidadezinha perto de Belo Horizonte (hoje faz parte da Região Metropolitana de Belo Horizonte). A família morava perto de uma igreja e o padre também insistia em discriminá-la.

**1** Maria Amélia de Almeida Teles, irmã de Crimeia, também é referência na história da luta pela democracia. Mais conhecida como Amelinha Teles, nasceu em Contagem, em 6 de outubro de 1944. Feminista, foi militante do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e participou do Jornal Brasil Mulher na década de 1970. Presa em 1972, foi levada à Operação Bandeirantes (Oban), onde foi submetida a sessões de torturas, que, segundo seu depoimento, foram realizadas, pessoalmente, pelo major do exército Carlos Alberto Brilhante Ustra, então comandante do DOI-Codi de São Paulo. Atualmente, Amelinha é diretora da União de Mulheres de São Paulo e coordenadora do Projeto Promotoras Legais Populares, além de integrar a Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos e ser assessora da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo “Rubens Paiva”<sup>(6)</sup>.

“Às seis da tarde tinha o Ângelus e toda vez o padre dizia “Cuidado com o comunista... não deixem seus filhos brincarem com as filhas do comunista”.

Cabe considerar que nesse período, no Brasil, a estrutura era intensamente patriarcal tanto da perspectiva econômica quanto afetiva. Quanto às relações sociais, embora o movimento de mulheres se encontrasse em ascensão, majoritariamente, ainda se esperava que elas se submetessem exclusivamente à maternidade, à educação dos filhos e ao cuidado da casa, dos filhos e do marido<sup>(7)</sup>. O capitalismo ascendente, ao dividir o espaço da produção e da reprodução e ao responsabilizar as mulheres primordialmente pela reprodução, remetia-se à clássica divisão entre o *oikós* (espaço privado) e a *pólis* (espaço público), originários da sociedade grega. Sobre as mulheres, portanto, pesava a reprodução da força de trabalho por meio da produção dos corpos e a sua manutenção pelo cuidado. A alternativa econômica a isso era o trabalho remunerado em profissões e ocupações que se assemelhavam ao cuidado, como a enfermagem, por exemplo. Porém, mesmo com o trabalho remunerado, as responsabilidades do lar continuavam (e continuam) sendo das mulheres. Constituiu exceção aceitar que as mulheres pudessem se manifestar em relação ao que acontecia na *polis*.

No caso de Crimeia, a exceção tornou-se regra. Tendo nascido no pós-guerra, criada no ambiente descrito e vivido nos tempos da guerra fria e da ditadura militar pós 1964, Crimeia inicia sua história pontuando que os temas da democracia e da luta pelos seus direitos tiveram presenças constantes na sua vida.

“Nasci no pós-guerra, então a democracia era um negócio muito falado. Fui crescendo e aí mudou tudo, veio a guerra fria e falava-se que comunista comia criancinha, aquela coisa toda. Depois veio o golpe, mas antes do golpe eu já tinha militância política não partidária. Eu brigava pelos meus direitos... o meu pai sempre falava: nesse mundo, o povo não tem direitos, a gente tem que brigar para ter. Então brigava na escola, sempre briguei.”

Mais tarde, as mesmas lutas foram causas de repressão e consequentes mudanças de plano de vida. “Com o golpe eu fui processada (...) em 65, logo depois do golpe, eu fiz vestibular, eu queria fazer química. E fiz vestibular e passei, mas em 66 meu processo foi a julgamento e eu tive que ir para a semiclandestinidadade. Acabei não fazendo o curso de química, larguei tudo e fui para o Rio de Janeiro. E fui já vinculada ao partido”.

Durante a conspiração do golpe militar, a imprensa brasileira contribuiu para disseminar narrativas anticomunistas, criando um “imaginário inimigo interno da nação” e uma atmosfera de medo ligada ao movimento político, legitimado e impulsionado pela religião<sup>(8)</sup>.

## 2. A entrada na enfermagem levada pela militância: para a guerra, o bom é ser enfermeira!

“O partido tinha aquela concepção de luta armada no campo e, também, a concepção - que é geral - de que na guerra, mulher é para ser enfermeira, mulher tem que ser enfermeira! Então me orientaram a fazer um curso de atendente de enfermagem. E lá fui eu para a Escola Anna Nery que na época tinha curso de atendente, auxiliar e técnico. Mas como eu tinha o colegial completo, a moça disse ‘Não, você tem que fazer vestibular para fazer enfermagem [graduação]’. Eu disse que não, que eu só queria aprender a dar injeção, porque a minha mãe estava doente e precisava tomar injeção. Mas ela insistiu que eu tinha que fazer vestibular. E eu, que era boa aluna no tempo da legalidade, fiz o vestibular e passei. Acho que passei em terceiro lugar e ganhei uma bolsa de estudos. Então era tudo perfeito: casa, comida, tudo... porque lá na Anna Nery tinha alojamento, comida, tinha tudo! Nossa, perfeito! Eu pensei, eu faço seis meses, um ano e vou para o campo. Mas a coisa foi rendendo e eu acabei fazendo dois anos de enfermagem na Anna Nery”.

Cabe considerar que a Enfermagem se estabeleceu como profissão superior no país a partir de 1926, com normas legais e regulamentação da profissão. Apesar disso, até a década de 1940, a profissão ainda era exercida por trabalhadoras sem preparo formal que atuavam principalmente como ajudantes de médicos. As enfermeiras diplomadas eram poucas e o foco da formação passou a ser a gerência e a qualificação do pessoal auxiliar. Formar enfermeiras era caro e demorava muito tempo. Com base nisso, foi estabelecida a ideia de formar auxiliares de enfermagem por meio de cursos regulares e de curta

2 “Ibiúna (...) é uma das cidades que estão na história recente do Brasil. Foi lá, na Fazenda Mucuru, no bairro de Apiaí, na estrada que liga o centro da cidade à Cachoeira da Fumaça, que ocorreu o trigésimo congresso clandestino da União Nacional dos Estudantes (UNE). Naquele 12 de outubro de 1968, cerca de mil estudantes, que participaram do movimento contra a ditadura, foram presos.” (União Nacional dos Estudantes, 2018)<sup>(12)</sup>

3 Ao falar sobre o curso de oratória, Crimeia refere-se à influência na sua militância, das transformações sociais que estavam ocorrendo no mundo, no ano icônico da rebeldia da juventude: 1968. “A década de 60 do século XX é considerada como um período de transformações sociais e políticas, uma época de contestação, que partia em geral da parcela jovem de várias nações, entre estas, algumas das mais importantes economias mundiais. Em meio a toda a onda de mudanças do período, destaca-se o ano de 1968, marcado pela rebeldia dos estudantes na Europa e nos Estados Unidos e que teve reflexo também na juventude brasileira. (...) No Brasil, no ano de 1968, sob regime do general Arthur da Costa e Silva, caracterizado negativamente pela grande censura, houve o recrudescimento da ditadura, com o aumento da censura, a falta de liberdades democráticas e forte repressão (...). No mês de junho, os estudantes realizaram a famosa ‘passeata dos cem mil’, no Rio de Janeiro.

duração. Os primeiros foram implantados em 1941, na Escola Ana Nery, com decreto sancionado em 1946. Somente em 1967 foram iniciados os cursos de técnicos de enfermagem governo federal, frente às exigências de segundo grau completo e vestibular para o ingresso na graduação em Enfermagem, a partir de 1961<sup>(9)</sup>. A Lei 2.604/55 oficializou a divisão do trabalho na enfermagem em categorias de enfermeiros, auxiliares, técnicos e atendentes de enfermagem.

A polêmica que se estabeleceu na formação em enfermagem, no Brasil, à época, foi reflexo da polarização existente entre os modelos estadunidense e o francês, ainda no início do século XX. Enquanto o modelo estadunidense “preconizava profissionais instruídas e bem pagas”, o modelo francês “se satisfazia em admitir pessoas do povo, sem preparo, mal pagas para atuarem como ajudantes dos médicos”<sup>(10)</sup>. No Brasil, ocorreu uma mescla dos dois modelos, prevalecendo segmentação entre as categorias de enfermagem determinada inclusive pela divisão em classes sociais.

Na Escola de Enfermagem Ana Nery, além de estudar, era obrigatória a prestação de oito horas diárias de serviços ao hospital e por isso tinham por direito a residência, pequena remuneração mensal e duas meias folgas por semana<sup>(11)</sup>.

### 3. Na escola de enfermagem, a militância continua: quem é da política não tem jeito...

“Quem é da política não tem jeito, acaba se revelando mesmo na clandestinidade. Na escola, eu fui eleita presidente do Diretório dos Estudantes<sup>(12)</sup>. Depois tinha que tirar delegado para o congresso de Ibiúna<sup>2</sup>. Como escolher delegado numa escola onde tinha uma fiscalização terrível? As telefonistas vigiavam os telefones da gente; para subir a escada, tinha que esperar o superior [veteranas] subir para depois você descer ... era tudo cheio de protocolo. Aí, eu pensei assim: eu vou inventar um curso de oratória e a gente faz os debates e tira os delegados. Depois a gente faz uma eleição, cria uma comissão eleitoral, que fica sabendo o resultado da eleição, mas ninguém mais fica sabendo, é secreta. Tira então o delegado!”

“O curso foi maravilhoso, pois era o seguinte: era 1968<sup>3</sup>, a gente discutia todos os temas, tudo o que nem se imaginava discutir. A gente discutia aborto, eutanásia, contracepção - que naquela época era planejamento familiar - controle da natalidade, um monte de coisas. Ainda não tinha o feminismo, o que tinha eram nuances do feminismo. A gente discutiu da seguinte forma: eu chamei um companheiro da faculdade de direito para dar o curso e a gente fez assim: um defendia o outro atacava, um a favor e outro contra uma ideia. E isso dava um debate maravilhoso! No meio, nós começamos a discutir outras coisas como: os estudantes têm direito de se organizar? Sim e não ... e foi indo, indo... Aí teve a eleição para delegado para o Congresso de Ibiúna e é óbvio que eu ganhei. Acho que todo mundo sabia que eu ia ganhar. Fui para o Congresso e lá fui presa, como todo mundo. Já era a segunda prisão. Bem, isso foi em outubro, em outubro fui presa e fui solta. E veio a diretora da Anna Nery: “Isso nunca aconteceu com uma aluna da Anna Nery! Como pode uma enfermeira presa? E não sei o que, não sei o que lá...”. Eu só disse “Ah, sempre acontece ... tem um dia que acontece, não é?”

“Em dezembro, aconteceu o AI-5<sup>4</sup>. Aí eu falei para o partido: “Oh, não dá para segurar mais, eu vou sair daqui [da escola]”. E aí, em janeiro, eles me mandaram para o Araguaia.

Cabe salientar que os jovens que foram para a luta armada, em sua maioria, eram estudantes ou egressos do meio estudantil que se mobilizaram frente à “completa asfixia” caracterizada pela perseguição aos estudantes e às lideranças estudantis, censura aos movimentos culturais e demissões de professores que se opunham ao Estado e aos atos institucionais que foram estabelecidos no período<sup>(13)</sup>.

“Eu não era enfermeira, mas já tinha o segundo ano de enfermagem. Foi muito engraçado porque quando eu fui presa, eu fazia estágio de psiquiatria. E a minha professora de psiquiatria já falava em luta antimanicomial<sup>5</sup>, que eu nem sabia que naquela época já existia. Ela conversou comigo sobre eu ter sido presa. Ela disse: “Você teve uma experiência razoável, com a prisão, quase como um manicômio, não é? O que você acha, manicômio vale a pena? Não, não corrige, não resolve, não cura a loucura”.

“Essa professora era muito interessante porque era ali na Praia Vermelha [Rio de Janeiro] tinha o Pinel [Instituto Phillippe Pinel de Psiquiatria]. E ela liberava todos os doentes que estavam em boas condições para ir para a praia, passear na praia. E interessante que quem avaliava as condições eram os próprios doentes. Então, amarrava uma cordinha na mãozinha deles e aquela fila ia toda para a praia.

Este mês também ficaria marcado pela 'sexta-feira sangrenta, quando a polícia militar repreendeu estudantes com extrema violência que resultou numa quantidade de mortes ainda hoje desconhecida. Ainda no mesmo ano, seria proibido qualquer tipo de manifestação, através de um decreto ministerial<sup>(4)</sup>.

4 "O Ato Institucional nº 5, AI-5, baixado em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do general Costa e Silva, foi a expressão mais acabada da ditadura militar brasileira (1964-1985). Vigorou até dezembro de 1978 e produziu um elenco de ações arbitrárias de efeitos duradouros. Definiu o momento mais duro do regime, dando poder de exceção aos governantes para punir arbitrariamente os que fossem inimigos do regime ou como tal considerados"<sup>(14)</sup>.

5 "O Movimento da Luta Antimanicomial se caracteriza pela luta pelos direitos das pessoas com sofrimento mental. Dentro desta luta está o combate à ideia de que se deve isolar a pessoa com sofrimento mental em nome de pretensos tratamentos, ideia baseada apenas nos preconceitos que cercam a doença mental.

O Movimento da Luta Antimanicomial faz lembrar que como todo cidadão estas pessoas têm o direito fundamental à liberdade, o direito a viver em sociedade, além do direito a receber cuidado e tratamento sem que para isto tenham que abrir mão de seu lugar de cidadãos"<sup>(15)</sup>.

Acontece que a Praia Vermelha era a praia dos filhinhos dos milicos. E eles ficavam revoltados, porque os doentes, com aqueles pijamões entravam na água e o pinto ficava fazendo assim [balançando]. E as mulheres, as babás reclamavam. E eu falava: 'A praia é pública, é deles também. Se vocês quiserem, podem ir embora, mas eles vêm e ficam só um pouquinho'. Era muito interessante! Toda sexta-feira tinha baile lá no Pinel... Depois, muito mais tarde é que eu fui saber da luta antimanicomial. Eu já estava nela e não sabia."

Durante a ditadura militar, os manicômios tiveram aumento expressivo de investimentos públicos e aumento das internações, principalmente a partir de 1º de abril de 1964. As pessoas consideradas indesejáveis eram enviadas aos manicômios para que passassem por um "tratamento" que se baseava principalmente na disciplina, com a finalidade de estabelecer "corpos submissos e dóceis" a partir de discursos, leis, regras, moral e práticas organizacionais<sup>(11)</sup>.

#### 4. A quase enfermeira nos confins do Araguaia

"Bem, aí eu fui para o Araguaia. E lá não tinha opção, eu tinha que fazer qualquer coisa. Lá não tinha médico, não tinha posto de saúde, não tinha nada, nada, nada, nada. A primeira coisa que aconteceu foi que me chamaram para uma sentinela. Eu entendi que sentinela era vigília que se fazia para o morto antes do enterro. Mas não era, era o tempo para aguardar a morte, ou seja, era bem mais sério. A pessoa que vai morrer sabe que vai morrer, então ela conta o que ela viveu, como ela é e tudo o que ela fez. Todas as histórias que ela tiver para contar, ela conta. E fica todo mundo esperando ela morrer. Eu cheguei lá e não sabia nada disso. Ainda levei um pacotinho de pó de café para fazer café no velório. Mas o defunto estava vivo! "Ai meu Deus!" Sabe, deu aquela angústia e aí eu comecei a perguntar "O que a senhora tem?" "Ah, é malária terçã maligna"<sup>(6)</sup>. E eu que nunca tinha visto terçã nenhuma! Eu tinha os meus livros, mas estavam em casa. Aí eu pensei: "Vamos ver o que a gente pode fazer?" Eu me lembro que eu dei um antitérmico para ela. A mulher ficou tão bem que disse: "Foi Deus que te mandou e eu vou me curar!". Aí eu fui para casa li nos meus livros que no caso de terçã maligna tinha que fazer medicação injetável, soro, e eu não tinha nada para fazer um soro. Na Anna Nery eu tinha lido num livrinho que era de um médico na Primeira Guerra Mundial que dizia que quando ele não tinha recurso nenhum, ele fazia a medicação por via retal. Ele fazia assim porque não tinha que ter esterilização de material, nem nada. Aí eu pensei: "Eu sei o que eu vou fazer com ela: vou pegar o comprimido, triturar bem, pôr na água com açúcar e colocar nela por via retal. Falei com ela: "Olha, vai ser um negócio meio esquisito, mas a gente está sozinha aqui no quarto, a gente faz isso e vai dar tudo certo". Inclusive para acessar a via retal eu usei uma mangueirinha de barco para pôr gasolina, mas era novinha, estava limpinha, nunca tinha sido usada. E deu certo, ela sarou mesmo! Eu fiquei lá cuidando dela mais de uma semana. Eu não punha muito remédio porque eu tinha medo, era uma insegurança completa! E ela sarou. E aí, cada vez que ela me encontrava, ela ajoelhava na minha frente e me pedia a bênção, porque ela achava que devia a vida a mim. E ela não devia ser tão velha, porque lá não tinha gente velha, tinha no máximo uns 50, 60 anos, mas eu achava que ela era velhinha. Eu ficava chocada com aquilo e dizia: não faz isso não, eu me sinto mal" Ela dizia: "Devo a minha vida a você, foi Deus que te mandou. E eu dizia: então disfarça". Mas que nada, aí minha fama espalhou..."

Cabe considerar que à época, na região do Araguaia era constante a prática de grilagem de terras, com muitos conflitos e sem qualquer suporte do Estado para a população sob a forma de serviços de saúde, educação e outros recursos. Sob a diretriz do comando político-militar da guerrilha, de que os guerrilheiros deveriam viver como camponeses, se integrar à população local e construir elos de apoio à luta armada, o movimento proporcionava suporte de saúde, educacional e social para a região<sup>(13)</sup>. Foi nesse contexto que Crimeia atuou como importante recurso humano de saúde, preenchendo a lacuna da inexistência de outros.

#### O peso da fama

"Um dia surgiu um parto. A parteira estava fazendo o parto, mas a mulher tinha ruptura completa de períneo e me chamaram. Lá fui eu fazer o parto. Mas eu já tinha o meu livrinho do Jorge Rezende, abri o livrinho e procurei o que fazer nesse caso: indicação absoluta de cesárea... Lá esse livrinho não ajudava nada. Olhei para a parteira e perguntei: "O que você faria num caso desse?" Porque a cada

6 Malária: “doença infecciosa febril aguda, cujos agentes etiológicos são protozoários transmitidos por vetores. É conhecida no Brasil por diversos nomes como, paludismo, impaludismo, febre palustre, febre intermitente, febre terçã benigna, febre terçã maligna, maleita, sezão, tremedeira, bateadeira ou febre. Reveste-se de importância epidemiológica, pela sua elevada incidência na região amazônica e potencial gravidade clínica. Causa consideráveis perdas sociais e econômicas na população sob risco, principalmente aquela que vive em condições precárias de habitação e saneamento. A transmissão da doença dá-se quando protozoários do gênero *Plasmodium* são transmitidos por meio de fêmeas infectadas do gênero *Anopheles*. Esses mosquitos são conhecidos popularmente como “carapanã”, “muriçoca”, “sovela”, “mosquito-prego” e “bicuda”<sup>(16)</sup>.”

7 Mãe do corpo – útero da mulher, de acordo com a cultura popular. “Mãe do corpo é o útero da mulher. Embora o corpo de homens e mulheres tenha uma mãe, ela aparece mais em mulheres, por ter relação com a saúde reprodutiva. A mãe do corpo vive no útero da mulher, [depois do parto] pode aparecer causando dor, principalmente, quando a mulher não se alimenta direito, então as veias se espalham e somente a benzedeira deve “puxar, ajeitar e colocar no lugar”.”

contração vinha o útero, a criança, tudo. Era um negócio horrível, nunca vi coisa tão feia! Eu disse: “Gente, vai ter uma hora que essa criança vai arrancar esse útero, vai sair tudo junto e a mulher vai se esvaír em sangue” A parteira disse: “Olha, eu acho que a gente tem que fazer o seguinte: uma segura a mãe do corpo<sup>7</sup> e a outra puxa o bebê”. E eu: “O que você quer fazer?” Ela: “Eu seguro a mãe do corpo e você puxa o bebê porque eu não sei puxar não”. Pensei: “Eu tenho que proteger o pescoço, achar o cordão umbilical e puxar a criança. Enfiei as duas mãos lá dentro (ah, não tinha luva, a parteira disse: tem uma folhinha aqui que eu nem sei o que que é. Molha assim na água e gruda na mão, parece uma luva. E eu disse: Tá bom, vai ser isso então!” Enfiei a mão lá dentro, achei o pescoço, achei o cordão e decidi, vamos puxar, né? Afastei o cordão - não estava enrolado, ainda bem - e puxei pelos bracinhos. Ainda pensei: se destroncar, depois a gente põe no lugar. Era uma menininha e nasceu direitinho. Depois saiu a placenta e foi bem mais fácil. E assim eu virei parteira. Na comunidade tinha um comentário sobre mim: “Ela tem um livro grosso”. Eu virei parteira, comecei a fazer parto, fiz um monte de partos.”

As parteiras da região do Araguaia eram parteiras tradicionais, ou seja, mulheres da comunidade que atuavam com base em saberes e práticas tradicionais, com conhecimentos passados de geração em geração, estabelecendo processos de cuidar que envolviam solidariedade, dom, parentesco, compadrio, afeto e responsabilidade, consentidos pelo povo local<sup>(17)</sup>.

“Fiquei lá quase quatro anos. Diziam que quem fazia mais de trinta partos ia para o céu. Eu não cheguei a isso, foi quase, mas fiquei no inferno mesmo. Tive também um monte de afilhados, porque quando você faz o parto, todos têm que te pedir a bênção. Um dia peguei um bebezinho. A mãe estava com malária e o bebezinho tinha febre, e eu nunca tinha ouvido falar em malária congênita. Naquela época não existia tanto conhecimento sobre a malária. Porque a malária foi estudada na África, com soldados, então era doença de homem. As mulheres africanas que se danassem, ninguém cuidava delas. E eu pensei: “Eu vou tratar como se fosse malária!” E deu certo. Não sei se era malária mesmo, mas depois, quando eu vim para cá, descobri que existia malária congênita<sup>8</sup>. Só que essa menina, por tudo que teve, ela ficou com deficiência mental, mas, sobreviveu. Às vezes morria a família inteira de malária, porque a doença deixa pessoa prostrada, ela não faz comida, não bebe água, não faz nada. Se a família toda tem malária, morre todo mundo. E o que que eles fazem? Eles põem cruzinhas na frente da casa, a do pai é maior, depois a da mãe, e as menorzinhas são dos filhinhos, de acordo com a idade deles. Põem tudo na frente da casa e bota fogo na casa. Quantas casas eu vi assim! Morria tudo... Eu acho que ainda morre, os índios ainda morrem.”

### De heroína - que salvou um monte de gente - a atendente de enfermagem

“Depois que quase quatro anos eu vim embora. Eu estava grávida, fui presa e tive meu filho na prisão. Foi uma briga desgraçada... Quando saí da cadeia, fui trabalhar no Rio de Janeiro como atendente de enfermagem, só que nunca registraram a minha carteira. Eu queria ter uma profissãozinha que fosse, mas não me registraram. Trabalhei com muitos médicos famosos que conheci lá no Rio, porque eu só trabalhava em hospital de rico. Concurso eu não podia fazer, porque minha ficha era suja. E em hospital de rico, eles te aceitam, mas não te registram, só te exploram. Tinha um médico que a regra era a seguinte: se a mulher entrasse em trabalho de parto antes da meia-noite, podia ligar para ele, mas depois da meia-noite, não devia chamar ele não, era só fazer um sorinho. O sorinho era com um medicamento para reduzir as contrações e retardar o parto. Mas a minha cultura era de ler bula, e quando eu vi que era isso, pensei, não vou fazer isso não. Então, eu punha o sorinho, mas não punha o remédio e elas tinham o filho, de madrugada, com o residente. E o cara falava: “Mas Crimeia, minhas pacientes têm filho de madrugada? Você está fazendo direitinho a medicação?” Sim, direitinho, pode olhar o rótulo, está direitinho”. Era difícil, mas por que que eu ia fazer aquilo? Se a mulher estava em trabalho de parto, por que ia desacelerar?”

A prática médica descrita torna a mulher secundária no cenário do nascimento, institui regras distantes das evidências científicas e, sob a condição social de autoridade técnico-científica, institui regras que violam a saúde e negam os conhecimentos dos demais profissionais de saúde<sup>(18)</sup> e das próprias mulheres.

### A volta para o curso de enfermagem

“Em 1976, a repressão matou um pessoal e prendeu outros. E começaram a falar e falaram de mim, começaram a aparecer coisas a meu respeito. O advogado falou: “A sua situação está difícil”. E eu pensei, então vou fazer o seguinte, eu vou voltar para a escola, porque o único movimento que existia

8 “A malária congênita (MC) é uma infecção por *Plasmodium spp* adquirida no útero ou durante o parto, com manifestações clínicas inespecíficas. O *Plasmodium falciparum* pode causar doenças graves em mulheres grávidas e recém-nascidos (...) A MC pode causar doença neonatal grave com manifestações clínicas inespecíficas, semelhantes à sepse, nas quais o tratamento precoce diminui o risco de malária complicada. É um diagnóstico diferencial em recém-nascidos de mulheres com história de malária durante a gravidez ou mulheres grávidas que visitam ou vivem em áreas endêmicas de malária”.

era o estudantil e eu continuaria a estudar. Pedi a minha transferência lá da Anna Nery para a Escola Paulista de Enfermagem. Na Anna Nery não queriam me dar a transferência. “Por que você saiu?” “Ah, eu casei com um militar, tive filho, tive que cuidar de filho”, tudo mentira. Conclusão, como tinha militar no meio da história, me deram a transferência e a Paulista aceitou. Mas, acontece que a Paulista era paga. Era a época da federalização, então já tinha briga, mas ainda assim tinha que pagar. E mesmo assim eu entrei, mas não pagava, ficava devendo um mês, dois meses... Quando depois federalizou e as freirinhas vieram me cobrar os atrasados, eu falei “Mas agora é federal, cobra do governo, não de mim”.

A Escola de Enfermagem do Hospital São Paulo foi fundada em 1936, quando da construção do Hospital São Paulo, mediante aliança entre a Escola Paulista de Medicina (EPM), a Congregação das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria e a Arquidiocese de São Paulo. Em 1942, foi equiparada à Escola de Enfermagem Ana Nery quanto à qualidade da formação da equipe assistencial. Em 1968, a escola teve seu nome alterado para Escola Paulista de Enfermagem e, em 1977, foi federalizada e incorporada à Escola Paulista de Medicina<sup>(19)</sup>.

“Eu fiz um ano na Paulista e consegui um emprego na Pastoral da Saúde, em João Pessoa. Aí eu pedi transferência de novo, mas as freirinhas falaram que só ia ter transferência se pagasse o que devia. Eu falei: “Então tá certo, a senhora providencia a transferência que eu te dou o cheque”. Só que eu já tinha fechado minha conta no banco, então dei um cheque sem fundos. Eu sou formada com cheque sem fundo hahahahh! Tá certo? A freirinha não tinha para quem reclamar, porque já tinha federalizado e ela estava cobrando uma dívida que eu não tinha que pagar! Aí fui pra Paraíba e me formei lá. Eu sou formada pela Universidade Federal da Paraíba, depois de 13 anos em um curso longo, com muita prática. Na Paraíba, trabalhei na Pastoral da Saúde e o trabalho acontecia em parceria com a Pastoral da Terra. Em 1978, uma empresa farmacêutica, a Pfizer, que na época era alemã, veio para o Brasil, na região da Paraíba, testar um medicamento para esquistossomose em pessoas brancas. Escolheram pessoas pobres da Paraíba, por serem brancos, em sua maioria, pela colonização holandesa. Muitas pessoas morreram, inclusive crianças que estavam em amamentação. A médica da Pastoral da Saúde tentou visitar necrotérios e saber melhor sobre as pesquisas da Farmacêutica, mas lhe foi negada a informação. Posteriormente, se soube que os corpos iam de avião da Paraíba para o Recife e passavam por autópsias. Depois, as vísceras eram encaminhadas para a Alemanha. Essa foi uma ocorrência que não apareceu na grande mídia. Nós tentamos denunciar no rádio, mas ninguém aceitou. E tanto a Pastoral da Saúde como da Pastoral da Terra orientavam as pessoas para não usarem os medicamentos. Era o que se podia fazer...”

### Enfermeira trans (de transgredindo) em São Paulo

“Depois de formada na Paraíba, não consegui emprego, então vim para São Paulo, e aí consegui finalmente ser enfermeira. Fiz, então, Especialização em Saúde Pública e quando o hospital que eu trabalhava virou OS [Organização Social], eu fui trabalhar no Centro de Referência do Trabalhador. Briguei muito contra as OS, mas não teve jeito.

Depois eu fui para o PROAIM [Programa de Aprimoramento das Informações de Mortalidade]. Eu sempre fui transgressora, sempre trans! Eu sou trans e queer... Porque só ando com a minha chinelinha havaiana. Lá no Centro de Referência, as empresas mandavam as mulheres fazer exame de urina para saber se estavam grávidas e não admitir. Aí eu falei com o diretor, “Isto é ilegal, eu vou fazer um carimbo bem grande escrito ‘negativo’, com coisinha da prefeitura e tudo”. E quando elas vinham fazer exame de urina, eu pum - Negativo! Fiz todos os exames indicativos, não deu nenhum positivo.”

O Estado de São Paulo foi pioneiro em implantar a gestão de saúde via Organização Social (OS), por meio da lei complementar nº 846, de 4 de julho de 1998, após aprovação da lei federal no 9.637 de 1998, que qualificou entidades privadas como Organizações Sociais que poderiam atuar como complementares ao SUS na organização e gerenciamento da assistência à saúde nos territórios e instituições<sup>(20)</sup>.

### Feminista, por ser enfermeira e ser mulher

“Na clandestinidade, eu não era feminista declarada, mas as coisas que eu fazia eram de feminista, porque eu me rebelava contra as posições machistas. Por ser enfermeira e por ser mulher. Eu me lembro que

quando eu estava indo para o Araguaia, o dirigente arranhou umas zonas e me disse: vai depender do seu desempenho se nós vamos mandar mulheres para cá ou não. Aí eu falei: “Como, você fala isso com os homens? Por que está falando comigo? Eu não sou obrigada a criar um padrão para que venham as mulheres. Eu acho que uma guerra tem homens e mulheres”. Comunista não pode excluir a mulher, eu não aceito isso não. O meu desempenho vai depender da minha capacidade física e outras coisas mais, eu não aceito que eu seja um parâmetro para virem as mulheres”. Então, quer dizer, eu tinha manifestações feministas, mas não era feminista. Os companheiros, é claro, eram bem machistas e a gente tinha que brigar com eles. A gente tinha uma companheira que quando ela chegou, ela disse: “Nossa, eu me sinto aqui como aquele aborto que não deu certo e nasceu, porque vocês não gostam de mulher, e eu estou aqui”. Foi difícil!

“No campo também os camponeses eram extremamente machistas. Eles não falavam, mas a gente sentia: “Poxa, você anda de calça comprida, anda armada, anda no mato, você é meio mulher-macho, não é?” Eu sentia isso então eu comecei a falar assim: Sabe o que é que é? Às vezes até pareço um homem, porque eu sou tão medrosa que eu não sei entrar no mato se não for armada. Eu tenho inveja das mulheres de vocês que entram no mato sem arma nenhuma, mas eu sou medrosa. Eu até fico achando que eu pareço homem” e eles pararam porque eu sentia que eles estavam insinuando que eu era macho “Não pode ser porque eu sou tão medrosa, pode ser, capaz de ser”.

Na fase pré-golpe militar, no período de 1950 a 1964, condizentes com a ideologia patriarcal conservadora e estimuladas por forças de direita, foram fundadas ou fortalecidas várias organizações femininas que mais tarde foram usadas para legitimar o golpe militar. Tais organizações realizaram movimentos como “Marcha com Deus pela família e pela liberdade” e passeatas de caráter ideológico antiesquerdista e anticomunista. Por outro lado, muitas das mulheres, como Crimeia, que escolheram entrar para as organizações de esquerda clandestinas atuavam para garantir a infraestrutura das ações políticas e militares, também pegavam em armas, atuavam na imprensa clandestina, fortaleciam as ações em prol da democracia. Ocorre que em nenhum dos casos as lideranças principais eram das próprias mulheres, pois estavam sempre submetidas ao comando masculino. Mesmo nas organizações de esquerda, elas nunca ocupavam os postos de comando<sup>(21)</sup>. Vale, com isso, ressaltar que a subordinação de gênero persiste mesmo em espaços que se pretendem revolucionários e transformadores do status quo.

### Valores e princípios éticos da vida de mulher

“Eu sempre achei que homens e mulheres eram iguais, que não tinha essa diferença que mais tarde eu vim ver que tem mesmo. A diferença não é só no sexo, é em tudo! Pelo fato de a gente ser mulher, a gente é preterida em tudo. Eu sempre defendi a igualdade, quer dizer, acreditei naquele negócio da minha formação comunista que defende a igualdade. Mas não no ponto das mulheres, porque mesmo os comunistas não defendem a igualdade entre homens e mulheres, eles também discriminam. Até hoje, a esquerda discrimina. Mas, eu interpretava da melhor forma que eu achava, o que me interessava. Homens e mulheres tinham que ser iguais, ter os mesmos direitos. Minha mãe, apesar de muito católica, sempre reforçou isso, mulher tem que ser independente, não pode depender de homem não. Ela achava que essa independência devia ser através do estudo, ela não via outra forma, ela defendia o estudo para as mulheres”.

Naquela época, a grande maioria da esquerda não compreendia as “questões das mulheres” e não dava importância às lutas específicas. As próprias mulheres militantes políticas não se proclamavam feministas, pois essa expressão as equiparava às “mulheres burguesas”. Foi somente a partir da década de 1970, que as manifestações feministas recrudesceram no Brasil, fortalecendo e sendo fortalecidas pelos movimentos de mulheres ao redor do planeta. Houve avanços significativos como a Conferência Internacional da Mulher, no México, em 1975, que declarou os próximos dez anos como a década da mulher. No Brasil, naquele mesmo ano, houve a semana de debates “O papel e o comportamento da mulher na realidade brasileira”, com o patrocínio do Centro de Informações da ONU, e foi lançado o Movimento Feminino pela Anistia, que teria papel muito relevante na luta pela anistia, no ano de 1979<sup>(22)</sup>.

### Contribuição da enfermagem para a vida

“A enfermagem foi meu trabalho por 34 anos, o meu emprego, o salário com o que criei meu filho. Mas a enfermagem me deu muito desgosto também, porque é uma profissão que humilha muito as mulheres. Aliás, se você entra em um hospital, o pessoal fala assim: tem uns médicos e o resto. A gente é o resto. Ela me deu também a satisfação de ter uma profissão e de sobreviver com essa profissão. Mas eu acho que falta muito para a enfermagem ser reconhecida como ela é, porque na verdade, a enfermagem acaba fazendo muito mais do que aquilo que são suas tarefas. Não dá para dividir, isto é do médico, isso é da enfermeira. Quem fica lá olhando o paciente é a enfermeira ou o enfermeiro. O médico passa e faz visita. É visita de médico, quem passa o tempo todo cuidando é a enfermagem. E falta muito para ela ser respeitada. É uma questão séria..., mas ela chega lá, chega lá. Eu sou um pouco pessimista com a profissão.”

### Minha vida de charlatã

“No Araguaia, minha vida era de charlatã, porque não tinha médico, então eu lia no livrinho, lia na bula e tentava. Fazia diagnóstico, tratamento, fazia tudo. Quando eu vim para a cidade, já não tinha tanto como ser charlatã. Mas, de vez em quando, você tem que fazer uma charlatanice porque os médicos “pisam na bola”. Teve o caso de uma criança que estava com o hálito cetônico e disseram que era apendicite, que tinha que operar. Se eu não marcasse uma cruzinha na glicemia, a criança ia passar por uma cirurgia desnecessária, como aconteceu com um aluno da minha sobrinha que foi operado de apendicite e estava com pneumonia. De vez em quando, tem que fazer umas charlatanices. Eu acho que tem uma especificidade do médico e uma especificidade da enfermeira, mas ambos têm um campo comum. E nesse campo comum, tanto um quanto o outro pode atuar. Se a gente atua e o médico acha que o que a gente fez é dele, a gente é charlatã. Eu nunca tive charlatanice nesse sentido. Outra coisa é aquilo dos exames para ver se as mulheres estavam grávidas ou não para serem admitidas. Ali, eu falsificava os resultados mesmo. Eu nem fazia o teste! Eu pensava assim, eu não vou gastar teste com isso, é uma coisa ilegal. Eu não podia combater aquela ilegalidade, não tinha força para isto, mas o exame ia ser negativo e pronto. É aquele campo que é meio misto, do médico e da enfermeira e que às vezes o médico cisma que não pode ser nosso. Eu acho até que hoje em dia está tendo mais campo para enfermagem, mas quando o médico resolve ter razão, não tem jeito...”

“Por exemplo, eu tive uma paciente que o marido trouxe uma cartelinha de diazepam e disse que ela tinha tomado a cartela toda. O médico examinou e mandou fazer uma lavagem gástrica. Aí eu falei: “Doutor, quem toma uma cartela de diazepam, não está aí brigando com o cara, não tá falando com essa voz firme: “Eu não sou louca, eu não tentei o suicídio, eu não ... nananana”. Aí ele disse: “Aqui o médico sou eu!” Respondi: Tá bom, então vou lá fazer a lavagem, faço tudo!”. Levei a mulher para dentro e falei: “Não vamos fazer lavagem nenhuma, me conta o que que está acontecendo.” Aí ela falou que o cara queria o dinheiro dela, o dinheiro que ela tinha juntado para ir embora porque não aguentava mais viver com ele. Eu perguntei: “Onde está o dinheiro?” “Dentro da vagina”. Eu: “Então vamos tirar, eu guardo dinheiro, depois você pega comigo. Se você quiser, você foge daqui. Você pega o dinheiro e vai embora, foge” Ela: “Ah não, e o meu filho?” Eu falei “Depois você pega ele, minha filha, ou se não pegar, pelo menos você se salva”. Ela: “Ah, não, não quero, não quero” Eu disse: “O meu plantão termina às sete horas”. O médico tinha pedido transferência para o pronto Socorro Psiquiátrico da Vila Mariana e eu falei para ela: “Olha, lá você vai se ferrar, então você escolhe: meu plantão termina às sete horas e até lá você não vai ser removida, não vão fazer lavagem, não vai acontecer nada, mas depois das sete eu não garanto”. Ela resolveu ficar e acabou indo para o hospital psiquiátrico. Voltou um trapo, um trapo... com o marido dizendo que ela estava doida, que realmente era isso que ela merecia. O que a gente pode fazer? A gente se esforça, mas nem tudo dá certo. Acho que tudo é por causa da arrogância do médico, porque se ele ouvisse mais... a mulher tinha uma voz tão firme, falava com tanta convicção! O dinheiro estava escondido e o cara só queria saber do dinheiro. É isso...”

### Transgredindo e mudando o triste fim dos desconhecidos

“No Pronto Socorro apareciam muitos atropelados. Eu ligava para aquelas rádios sensacionalistas e falava assim: “Eu tenho um paciente aqui...” Porque nos hospitais tem um grande problema: você é atropelado num lugar e eles te levam para outro. E aquilo que estava com você, documento e outras

coisas, o primeiro que atende tira tudo e joga num saco. Depois você fica sem nome, sem documento, sem nada ... então, vira desconhecido. Eu chegava a ter cinco, seis desconhecidos por plantão no Pronto Socorro. E é terrível, porque uns morrem, outros vão melhorando, mas alguns não se lembram de nada. Em geral, são politraumatizados. Então eu ligava para essas rádios e falava assim: “Olha, tem um assim, ele é assim, assado...”. Pena que não tinha celular, senão eu poderia fotografar. Uma vez eu procurei o metrô, porque queria eles pusessem naqueles totens fotos dos desconhecidos, não só as crianças desaparecidas, mas os desconhecidos que estão no Pronto Socorro. E a família se acaba de procurar e não acha, é muito frequente. Por exemplo: o Tatuapé atente queimados; o Jabaquara atende politraumatismo. Então, o cara é atropelado no Tatuapé, ele vai pro Jabaquara e perde toda a referência. Eu me lembro que eu peguei um paciente assim. Ele trabalhava num supermercado, foi assaltado, levou um tiro na garganta e perdeu a fala. Se recuperou, mas perdeu a fala, e eu ficava toda noite tentando conversar com ele, com desenhinho, tentando fazer ele se comunicar. Ele devia ter uns 17, 16 anos, era super jovem e já estava perdido, perdido! Ia se perder no mundo... Aí, um dia - pra você ver como são as coisas são simples, mas eu acho que o serviço social, a psicologia, todo mundo devia estar atento para essas coisas - um dia eu cheguei com meu lanchinho num saquinho do Pão de Açúcar. Aí ele abraçou o saquinho e eu disse: “Quer o lanche?” Fez que não. Com muita dificuldade, com desenhinho eu descobri que alguém querido dele trabalhava no Pão de Açúcar. Eu fui ao RH [Recursos Humanos] do Pão de Açúcar e pedi para o pessoal de lá que procurasse um funcionário ou uma funcionária, cujo filho estava perdido. Acharam, a mãe dele trabalhava no Pão de Açúcar. São coisas que não são simples, não são fáceis, mas eu acho que o hospital tinha que estar voltado para isso. Isso eu fiz muito na minha vida, o que não era função de enfermeira, ou era? Não sei! Eu acho que é função de todos, do porteiro até o diretor. Todos deviam estar preocupados, porque não existe desconhecido. Acho que porque eu seja familiar de desaparecido político, sempre tive essa preocupação. Alguns eu achei, inclusive a mãe desse menino. No dia em que ele foi encontrado pela mãe, ele veio me procurar, me abraçou, me abraçou... é muito gratificante. Tem muitas pessoas dentro do hospital que não pensam nisso, infelizmente. Eu acho que devia fazer parte dos cursos ensinar que não existem desconhecidos, todo mundo é conhecido de alguém, nós não podemos aceitar desconhecidos.”

### Eu não fiz voto de caridade: DOI-CODI não!

“Mas eu também já pus paciente para correr. Uma vez chegou um cara que trabalhava no DOI-CODI<sup>9</sup> que tinha tentado suicídio. E aí tem toda aquela coisa, faz lavagem, faz isso, faz aquilo. Aí eu pensei: “Pô, esse cara é da turma que me torturou e ainda vou cuidar desse desgraçado?” Eu fiquei bem irritada e falei com ele: “Por que você tentou suicídio, tá arrependido das torturas que você fez?” Aí o cara foi ficando nervoso, nervoso ... “Você é comunista?” Eu disse: “Eu sou, e daí?” O cara: “Eu vou te matar, não sei o que pepepepepe”. Eu não respondi, chamei os seguranças e falei “Tira esse cara daqui que ele está me ameaçando”. O segurança botou o cara na rua. Não fui atender, não. Eu não fiz voto de caridade, não fiz nada disso, não vou atender. DOI-CODI não. No pronto Socorro aparece de tudo...”

### São 34 anos de história

“Tem muita história, são 34 anos de história. Mesmo quando você trabalha com a elite, como quando eu era atendente de enfermagem, também tem histórias. Como enfermeira eu fui trabalhar com a ralé. É que como atendente, você nem chega muito perto das pessoas, porque a elite não gosta. Você é uma espécie de empregada doméstica. Eu fui trabalhar com a ralé nos hospitais públicos por opção, porque eu não queria trabalhar com a elite. Estudei com dinheiro público para atender o público, não para atender a elite que vai para os hospitais particulares. Que fiquem lá com quem eles quiserem, comigo não. É uma escolha dura, porque nos hospitais particulares você ganha ótimas gorjetas, às vezes, maiores do que o salário. No público não, quase que você paga a condução para o cara ir pra casa. Mas opção é opção... E sempre fiquei bem com as minhas”.

### CONCLUSÃO

A história de Crimeia, como de muitas outras enfermeiras que sobrenadam no anonimato, mostra principalmente a garra e a força de vontade de uma mulher que, diante das vicissitudes da vida, lança mão de todos os recursos disponíveis para ajudar as pessoas menos favorecidas, mesmo que às vezes,

<sup>9</sup> O Departamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI) foi um órgão subordinado ao Exército, de inteligência e repressão do governo brasileiro durante a ditadura militar que se seguiu ao golpe militar de 1964. Foi criado (...) para combater inimigos internos que, supostamente, ameaçariam a segurança nacional. Os DOI-CODI eram centros de tortura e assassinato de pessoas que se opunham à ditadura militar<sup>(23)</sup>.

as medidas adotadas fujam das normas politicamente corretas, ou seja, os cânones da ciência. Na falta de solução melhor, ao invés de se intimidar, lançam-se no quase desconhecido sob a égide do cuidado possível, de acordo com as circunstâncias. E prestam este cuidado com o vigor da crença da possibilidade de, através dele, construir um mundo melhor.

Na vida de Crimeia, os princípios e valores humanitários da enfermagem coadunaram-se e fortaleceram a concretização da missão de vida escolhida por ela. Conclui-se, assim, que a enfermagem tem potencial para ampliar e fortalecer a resistência de pessoas como esta, em particular, por valorizar a vida em todas as suas formas e demonstrar a politicidade do cuidado para transformar as condições sociopolíticas e de saúde da população. Que possamos aprender essa enfermagem com as Crimeias e com a força que elas carregam no coração.

## REFERÊNCIAS

1. Deslandes SF, Cruz Neto O, Gomes R, Minayo MCS. organizadores. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 34ed. Petrópolis RJ: Vozes; 2015.
2. Foucault M. Vigiar e punir. São Paulo: Vozes; 2012
3. Souza RC. Guerrilha do Araguaia: violência, memória e reparação. Projeto História. 2019;66:178-219. <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2019v66p178-219>
4. Venturini M, Rocha L. Trajetória teórica e política do feminismo emancipacionista, coletânea de textos: 1954-2012. São Paulo: PCdoB; 2018.
5. Bourdieu P. A miséria do mundo. 17ed. Petrópolis: Vozes; 2008. 752 p.
6. Rodrigues D. Amelinha Teles é homenageada na ALESP [Internet]. ALESP; 2023 [cited 2023 Oct 11]. Available from: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=445990>
7. Dessen MA. Estudando a família em desenvolvimento: desafios conceituais e teóricos. Psicologia: ciência e profissão. 2010;30(esp):202-19. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000500010>
8. Campos SCM. A construção histórica do “inimigo interno” e o papel da grande mídia brasileira nos anos de 1964-1968: o Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e o Globo [Dissertação] São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas; 2023.
9. Carvalho VLS, Guimarães CM. Enfermagem e sindicalismo em Goiás: análise do período 1982-2004. Rev Bras Enferm. 2007;60(2):155-60. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672007000200006>
10. Secaf V, Costa HCBVA. Enfermeiras do Brasil: história das pioneiras. São Paulo: Martinari; 2007.
11. Foucault M. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis (RJ): Vozes; 1987.
12. Fagundes PE. Os 50 anos do XXX Congresso da UNE: 1968. In: Pereira ARVV. Das utopias ao autoritarismo: historiografia, memórias e cultura. Serra: Milfontes; 2019. 556p.
13. Sagrillo CA. Juventude do Araguaia e as memórias da guerrilha: marcas do tempo na geração de 1968. Rev Juventude [Internet]. 2021[cited 2023 Oct 11];18:49-54. Available from: <https://juventudebr.emnuvens.com.br/juventudebr/article/view/208/202>
14. Brasil Escola. O que foi o AI-5? [Internet]. [ND] [cited 2023 Oct 11]. Available from: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-foi-ai-5.htm>
15. Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Movimento da Luta Antimanicomial [Internet]. MS; [ND] [cited 2023 Oct 11]. Available from: <https://bvsmms.saude.gov.br/18-5-dia-nacional-da-luta-antimanicomial-2/>
16. Secretaria Estadual de Saúde de Pernambuco (SES). Malária [Internet]. SES; [ND] [cited 2023 Oct 11]. Available from: <https://portal.saude.pe.gov.br/verbete/malaria#:~:text=O%20que%20%C3%A9%3A,%2C%20tremedeira%2C%20batadeira%20ou%20febre>
17. Gusman CR, Rodrigues DA, Vilella WV. Paradoxos do programa de partearas tradicionais no contexto das mulheres Krahô. Ciênc Saúde Colet. 2019;24(7):2627-36. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018247.09592017>

18. Jardim DMB, Modena CM. A violência obstétrica no cotidiano assistencial e suas características. *Rev Latino-Am Enfermagem*. 2018;26:e-3069. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.2450.3069>
19. Cardili CVC, Sanna MC. Acontecimentos que antecederam a federalização da Escola Paulista de Enfermagem. *Esc Anna Nery*. 2015;19(1):24-32. <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20150004>
20. Pilotto BS, Junqueira V. Organizações sociais do setor de saúde do estado de São Paulo: avanços e limites do controle externo. *Serv Soc Soc*. 2017;130:547-63. <https://doi.org/10.1590/0101-6628.123>
21. Pinto CRJ. Feminino, história e poder. *Rev Soc Política*. 2010;18(36):15-23. <https://doi.org/10.1590/S0104-44782010000200003>
22. Teles MAA. Violações dos direitos humanos das mulheres. *Rev Estud Fem*. 2015;23(3):1001-22. <https://doi.org/10.1590/0104-026X2015v23n3p1001>
23. Wikipédia, a enciclopédia livre. DOI-CODI [Verbetes][Internet]. [ND][cited 2023 Oct 11]. Available from: <https://pt.wikipedia.org/wiki/DOI-CODI>